

Breve relato sobre a dinâmica e a dramática na formação analítica

Celso Gutfreind¹

Resumo: O presente artigo retoma brevemente as ideias de Georges Politzer e José Bleger sobre a teoria freudiana, lá onde, para os dois primeiros, Freud teria apresentado as maiores contribuições à psicologia ao propor uma escuta individual, e onde, em seguida, teria igualmente se afastado desse aporte inicial importante a partir da influência excessiva das ciências ditas exatas em sua metapsicologia. O objetivo é mostrar a pertinência dessas teses, repletas de dialética em seu ritmo e conteúdo, fazendo-o de forma também dialética ao tentarmos situar onde Politzer e Bleger foram mais abrangentes e onde foram menos. Relacionar a importância disso com a formação do psicanalista é outro objetivo desse trabalho.

Palavras-chave: Dinâmica. Dramática. Formação analítica.

“Não há lugar para a psicanálise em um mundo que proíbe a representação, qualquer que seja a representação proibida. Encontrar a liberdade de representar o que até então era irrepresentável, eis a vida cotidiana da psicanálise”² Jacques André (2015).

O psicanalista José Bleger (1969) retoma o filósofo Georges Politzer (1998), a partir da dialética materialista (de Engels, Hegel, Marx), para mostrar eventuais acertos e erros na teoria freudiana.

Bleger é um entusiasta de Politzer e de Freud, assim como de diversos cientistas – aprecia sem preconceitos a teoria do conhecimento – e outros filósofos, incluindo esses já citados sobre a dialética. Nesse sentido, para Bleger, errar e

1 Analista de crianças e adultos pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

2 Tradução do autor.

acertar são um triunfo que não poderia ser ultrapassado, já que a linearidade de acertar seria inverossímil. É dialética, afinal, desde o começo.

Para expor a sua tese, Bleger contrapõe a *dinâmica*³ de Freud à *dramática*⁴ de Politzer. As ideias de Bleger nascem reconhecidamente em Freud e, embora assim aqui as designemos – como ideias – sentimos que se tratam de verdadeiras paixões ou, no mínimo, entusiasmos fortes:

“A confusão surge quando se toma a dinâmica em lugar dos fatos dramáticos, ou quando se considera a dinâmica como causa do movimento dramático” (Bleger, 1969, p. 119).

Politzer, por exemplo, apaixonou-se pela interpretação dos sonhos, de Freud. A partir dela, escreveu o seu texto clássico em psicologia (e seus últimos artigos), nos quais relata que ali sentiu pela primeira vez a psicologia fazendo um verdadeiro sentido na vida das pessoas. Para ele, essa era a grande descoberta de Freud. Se somos frutos de fatos e vivências, se temos todos um drama particular, se estamos inseridos em uma dialética individual (e aqui os nossos protagonistas parecem juntar-se), a escuta e a compreensão é que determinariam a possibilidade de intervir nessa menor ou maior capacidade de viver.

E que nem por isso a psicologia já estaria, ao contrário de sua jovem tradição, mais próxima do viver. Ocorre-nos aqui a imagem de Freud caminhando entre as montanhas, atento à paisagem e disposto a ouvir os paisanos como narrou em alguns textos como, por exemplo, sobre a transitoriedade (Freud, 1915).

Também me lembrei do escritor Elías Canetti (que odiava a metapsicologia), contando o método do escritor Isac Babel para escrever de verdade Ia ao subúrbio observar as pessoas e dessa experiência extraía bem mais do que dos livros. Mas, talvez, – acrescentamos – os livros tenham dado a forma (metalinguagem) de expressar os conteúdos aprendidos.

Que a biologia nos desculpasse, mas, desse modo, não seriam os hormônios nem qualquer outra substância comum a todos que nos entenderiam e apontariam uma eventual saída mais consistente e duradoura para a nossa vida mental. Que a física – e a metapsicologia –, idem, mas não seriam forças ou qualquer outra medida comum a todos que fariam isso. Em um campo tão vivo e pessoal não seria nada em comum (classificável, sistematizado), mas o acesso a um drama particular (*a dialética individual*) através de um encontro e, aqui, para Politzer, o mesmo Freud que acabara de acertar com a introdução da escuta humanista, começava a errar com a sistematização *coisificada* de sua pungente descoberta por mais que, dialeticamente, tentasse retomar a dramática até mesmo nos últimos

3 Termo importado da física.

4 Termo criado por Politzer, leitor de Freud.

trabalhos: “E disto depende a enorme dificuldade que Freud tinha de vencer: exprimir o movimento dialético da realidade com o movimento mecânico” (Bleger, 1969, p. 133).

Bleger retoma a dramática de Politzer e contrapõe à dinâmica de Freud. Considerou, portanto, como *dramática* os elementos vitais e humanos presentes nos fatos de uma vida. A relação, enfim, entre o que o foi vivenciado e o sintoma, base de todo o trabalho de Freud, sem abster-se nisso nem na psicose, como no caso Schreber. Dramática, porque baseada na conduta, na aventura humana (seus motivos), mas, nem por isso menos subjetiva, e Bleger faz aqui uma citação precisa de Hegel: “Tudo o que se encontra não é encontrado, mas produzido” (*Ibid.*, p. 116), dando conta dessa subjetividade do indivíduo e da dupla (paciente e analista).

Era mesmo uma nova forma de ver o mundo psíquico, um jeito menos apartado da vida em si, mais próximo de uma arte representativa (dessas tantas em que Freud se baseou para expor os seus conceitos) do que de uma ciência dura e positivista, mas sem deixar de ser ciência. Sem deixar?

A dinâmica, é claro, referia-se à teoria dos instintos, extraída da física para representar a luta entre Eros e Thanatos ou entre as forças de vida e de morte. Era a metapsicologia freudiana⁵ em sua base e seus prolongamentos.

Para Politzer e Bleger, o mesmo Freud, depois de descobrir a simplicidade decisiva de uma (des)ordem mais dramática, mais próxima das artes (o teatro), dos contos (a narrativa), da literatura em geral (os dramas) e, talvez, ainda pressionado pelo menos em parte pela cultura científica do seu tempo, submeteu-se a colocar as suas descobertas à mercê de conceitos em tese mensuráveis e representados por uma ciência dita exata. Surge, então, a teoria dos instintos, baseada na ideia de forças (comum a todos) e aprofundando a metapsicologia.

“Trata-se de reduzir não só os fenômenos múltiplos a umas quantas essências últimas, mas ainda de reduzir as múltiplas alterações permanentes de um fenômeno (neste caso, a conduta) a combinações de umas quantas forças simples. E Freud circunscreve-se, sistemática e conseqüentemente, a esta orientação científica da sua época” (Bleger, 1969, p. 139).

Bleger reafirma o quanto Freud estava consciente disso: “Nas ciências naturais, a que pertence a psicologia [...]” desde 1895, com o Projeto de uma psicologia para neurologistas, retomando-o em trabalhos ulteriores (*Ibid.*, p. 107).

Para Bleger e Politzer, Freud começava a errar aqui, pois estaria menos liberto em seu pensamento, prejudicando a sua escuta, a mesma que tinha recomendado

5 O próprio Freud (1937), dialeticamente talvez, relativizou a metapsicologia ao se referir a ela como *bruxa*.

contra toda uma tradição psicológica já biológica e idealista, e a prejudicava porque não podemos escutar (ou medir) um impulso de morte ou de vida, ou mesmo um inconsciente. Podemos, segundo eles e com o que concordamos, escutar tão somente o que é fruto de um fato ou de uma vivência (interior, exterior, pouco importa) de um determinado sujeito (o ineditismo de Freud), lá onde uma noção, um conceito, uma palavra não evitaria o que é realmente vago, pessoal e o que mais importa se desejarmos compreender o que é humano para acolher e tratar.

Isso nos faz sentido, ao menos parcialmente. Porque, em uma parcela importante para o todo, a metapsicologia me ampara e me sustenta, oferece-me palavras e símbolos nem que seja para, depois, esquecê-los ao me lembrar da escuta e do encontro propriamente dito e vivido (Ogden, 2014).

Talvez não escutasse, ou escutasse torto, se o fizesse desamparado dessa metalinguagem. Talvez a linguagem fosse ferina demais, porque essa metapsicologia é também uma metáfora como outra qualquer e que me mantém seguro da coisa em si. Talvez fosse amputado de um caminho para pensar. Mas talvez não escutasse, ou escutasse torto, se o fizesse muito dentro dela a ponto de que nada mais ardesse ou repercutisse. Como um pintor abstrato ignorante das técnicas figurativas e dos estudos de anatomia e luz e sombra e perspectiva dos renascentistas, esses que conseguiram uma arte mais expressiva do que a que encontramos no Castelo dos Papas, em Avignon, e sua arte medieval como em tantas outras de museus da Europa de Freud, onde um viajante (como ele) mais preparado poderá, quem sabe, extrair mais sensações de sua visita. Poderá?

Em outras palavras, sempre ainda vagas e em busca de exatidão, se pouco atentos à técnica, esses artistas comprometer-se-iam com os limites de sua expressividade. Se muito, talvez pudessem se tornar cerebrais, distantes: a dialética, o paradoxo, a necessidade de ser mais do que dualista.

Aqui presumo, dialeticamente, o erro de Bleger e, especialmente, o de Politzer, mas os relativizo, porque o próprio Bleger, especialmente, repete volta e meia que as abordagens não se excluem, embora priorize a dramática. Aqui antevejo o acerto de ambos – a dialética – ao levantarem a bandeira de que o trabalho de um psicanalista não poderia portar uma determinada bandeira e sim estar aberto ao novo e inédito (o acerto), ainda que a velha tendência de repetição se faça presente todos os dias na análise e fora dela, além de bater o ponto na metapsicologia (o erro).

História e palavras seriam, dessa forma, mais representativas do que é preciso representar (a vida psíquica) do que substâncias ou a força eventualmente medida, essas traduzidas em algo que, a rigor e exatamente, não existe. Ou existe? Ou o conhecimento dos neurotransmissores não trouxe avanços e recuos, benefícios e prejuízos (a dialética) na abordagem da vida psíquica das pessoas?

Nesse sentido, ocorre-nos que a formação de psicanalistas deveria estar atenta a isso. No seu tripé, caber-lhe-ia valorizar a importância do estudo da metapsicologia (como os estudos renascentistas para, quem sabe, tornarmos-nos mais expressivos em nossas explorações pictóricas na arte diante da vida de cada sessão inédita e jamais prevista por nenhuma arte ou teoria), sem abrir mão dos outros dois pés da prática, supervisão e análise pessoal (pessoal, e não dinâmica), onde se adentrariam as trevas medievais – e mesmo antes, mais históricas, mais pré-históricas – de si e do outro.

Sem que recaia em um protocolo, mas, antes, dinâmica, metapsicologia e, depois, esquecer-se delas a fim de mergulhar na dramática de si mesmo e do outro, imprevisível por qualquer substância (em longo prazo) e por qualquer dinâmica (no indivíduo), mas talvez mais limitada e menos livre em sua ausência.

Ocorre-nos agora a imagem de que o psicanalista ideal não estaria nem tão arraigado à Instituição (dentro de si, sobretudo) a ponto de a dinâmica ofuscar a dramática (como um Freud em seu isolamento inicial), nem tão fora (também por dentro) para o vice-versa, que seria, no caso, a dramática ofuscar a dinâmica em escutas desarmadas que talvez promovessem mais ab-reações do que jogos vivos no calor aqui e agora de transferências e contratransferências, palco mais vivo da dramática.

Winnicott (1969), ao questionar a pulsão, mas não a importância da história do bebê, de sua mãe e seu entorno, não se aproximaria desse ideal? Não teria sido um verdadeiro dramático politzeriano?

Se pensarmos em Bion (1963), outro espírito científico dos mais livres e que não tinha entrado na história, mas estaria igualmente próximo de tal patamar (dramático), retomamos a dialética de Bleger e Politzer a fim de dizer que, para um psicanalista em formação, além de qualquer ideal ou protocolo, seria importante ao mesmo tempo saber e não saber. Não somente no que se refere concretamente à sessão, mas, no sentido abstrato, à metapsicologia como um todo em cada um de suas partes sempre buscadas e nunca alcançáveis.

Saber e não saber é preciso, e não estaríamos aqui, dialeticamente, retomando a dualidade de Freud?

Relate the importance of this with the psychoanalyst formation is another objective of this work

Abstract: This article briefly takes up the ideas of Georges Politzer and José Bleger about the Freudian theory. In this theory, according to Georges Politzer and José Bleger, Freud would have presented the greatest contributions to psychology when he proposed an in-

dividual listening and would also moved away this important initial contribution from the excessive influence of the sciences considered exacts in his metapsychology. The goal is to show the relevance of these theories, full of dialectics in its rhythm and content, making it also dialectically when we try to situate where Politzer and Bleger were more embracing, and where were less.

Keywords: Analytic training. Analytical formation. Dramatic. Dynamics.

Referências

- André, Jacques. (2015). *Psychoanalyse, vie quotidienne*. Paris: Stock.
- Bion, Wilfred. (1963). *Eléments de la psychanalyse*. Paris: Puf, 1979.
- Bleger, José. (1969). *Psicanálise e dialéctica materialista*. Lisboa: Galeria Panorama.
- FREUD, Sigmund. (1915). Sobre a transitoriedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Ogden, Thomas. (2014). *Leituras criativas*. São Paulo: Escuta.
- Politzer, Georges. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Editora Unimep.
- Winnicott, Donald W. (1969). *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 01/03/2016
Aprovado em: 25/07/2016

CELSO GUTFREIND
Av. Plínio Brasil Milano 812 / 505
90520-050 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: celso.gut@terra.com.br